

Histórias de crianças: leituras de mundo

ADRIANA SANTOS DA MATA
CARLA ANDRÉA LIMA DA SILVA



As escolas de Educação Infantil são instituições de cuidado e educação, de socialização das crianças pequenas – por meio das brincadeiras, das músicas, da literatura infantil, dos gestos, das emoções e, sobretudo, da fala oral – e de produção de cultura e conhecimentos. Pensando no lugar e no tempo da fala oral, precisamos perguntar (e responder!): em que momentos as crianças são autorizadas ou não a falar na escola? Sobre o que elas falam? Como as professoras e os professores têm ouvido as crianças? O que pode ser feito para tornar a prática pedagógica mais significativa a partir do que elas falam?

Iniciando a busca por respostas, pretendemos, neste artigo, fazer um exercício de compreensão de como crianças da Educação Infantil falam, narram e expressam sentidos para o mundo por meio da atividade *Livro de Histórias da Turma*, desenvolvida desde o ano de 2005 na Unidade Municipal de Educação Infantil Rosalina de Araújo Costa, localizada em Niterói (RJ).

Antes de empreender a análise, construída na interlocução com os conceitos de enunciação e diálogo de Bakhtin (1992; 2010), faremos uma breve contextualização da escola.

Apontamos para (não) concluir algumas implicações pedagógicas da atividade, acreditando que, ao conhecer o que as crianças sinalizam e comunicam por meio das histórias narradas, professoras e professores poderão tornar a prática pedagógica mais significativa, ampliando as possibilidades de as crianças serem e atuarem no mundo.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA

A escola está situada no Barreto, bairro basicamente residencial da zona norte de Niterói, e atende a crianças de três a cinco anos de idade das comunidades próximas. No ano de 2012 foram matriculados 280 alunos divididos em 14 turmas, 7 em cada um dos dois turnos. Cada grupo é formado por, no máximo, 20 alunos. Nos agrupamentos, estão incluídas seis crianças com necessidades educacionais especiais. A equipe pedagógica é formada, atualmente, por 16 professoras, uma agente educadora, duas pedagogas, uma diretora adjunta e uma diretora geral.

Da entrada da escola logo se vê a Casinha de Bonecas e um dos parques. No pátio coberto, as crianças participam das aulas de Educação Física e das festas, e têm acesso aos banheiros externos. O outro parque fica à frente do pátio coberto, de onde as crianças veem a Sala de Recursos (onde são atendidas as crianças com necessidades educacionais especiais), compartilhada com a Sala dos Professores. Ao lado dessa sala, estão os dois refeitórios separados

pela cozinha e pelo almoxarifado. No segundo andar desse setor, há uma Sala de Leitura, duas salas de aula, um banheiro para os adultos e outro para as crianças. As cinco salas de aula do primeiro piso são amplas e têm banheiros infantis e portas coloridas. Internamente, as paredes das salas, de azulejo rosa, são cobertas com murais para exposição dos trabalhos dos alunos, quadro de giz e outros materiais. E ainda há um pátio descoberto, na parte de trás das salas de aula, com grandes jardineiras ao longo da parede e alguns brinquedos grandes de plástico (duas casinhas, tabelas de basquete e traves de futebol, túnel e escorrega).

LIVRO DE HISTÓRIAS DA TURMA

 *Livro de Histórias da Turma* é uma prática de letramento desenvolvida na instituição desde o ano de 2005. Podemos dizer que essa atividade é uma sofisticação de outras realizadas cotidianamente, tais como: fazer desenho livre ou com uma interferência na folha (um furo, um ponto, um rabisco, um papelzinho colado, etc.), criar cenas com formas geométricas, figuras recortadas de revistas ou jogos de montar para, em seguida, apresentar *oralmente* para os colegas da turma o desenho/a colagem/a montagem.

A proposta de elaborar um livro de histórias é apresentada às crianças depois que elas já vivenciaram diversos momentos envolvendo a leitura de muitos livros infantis disponíveis na Sala de Leitura e também na atividade do Bornal¹.

A professora explica aos alunos que cada um, ao longo do segundo semestre, criará um desenho e ditará² uma história que serão reproduzidos para todo o grupo e, ao final, desenhos e histórias formarão o *Livro de Histórias da Turma*. As crianças tornam-se autoras e ilustradoras, assinam a folha de rosto, fazem um texto coletivo de apresentação e escolhem o título do livro que levam para casa ao término das aulas.

A dinâmica ocorre da seguinte da forma: a criança recebe uma folha com uma linha, dividindo-a mais ou menos ao meio. Na parte de cima, ela vai criar o desenho e, na de baixo, a professora vai escrever a história que ela ditar. Terminada essa etapa, a criança segue para a Secretaria, onde fica a máquina copiadora, e solicita a quantidade de cópias necessárias para toda a turma. Na sala, em roda, as folhas são passadas de mão em mão até que todas as crianças recebam uma. Em seguida, crianças e professora leem a história, interpretam, comentam,

fazem perguntas para o autor do trabalho a respeito do conteúdo do texto e do desenho, e depois elas seguem para as mesas para colorir e enfeitar o desenho com alguma técnica. Lembramos que nem sempre há tempo de se concluir todo o processo no mesmo dia.

Neste artigo, não procederemos à análise dos desenhos das crianças que, certamente, nos apontariam questões importantíssimas sobre a maneira como elas representam, expressam, enfim leem o mundo. Optamos pela tentativa de compreensão das histórias ditadas pelas crianças e escritas pela professora³. As histórias narradas trazem uma riqueza de temas e tramas. Elencamos, a seguir, exemplos de alguns temas recorrentes nas histórias de crianças de 3, 4 e 5 anos.

1. Cotidiano da família

Aí eles foram pra casa. Eles eram irmãos. Eles dormiram, acordaram e deram ‘tchau’ pro pai e pra mãe porque eles iam brincar. O pai e a mãe foram procurar eles dois pra almoçar. Eles foram pro quarto e cada um pegou seu brinquedo. (Sávio, 5 anos, 04/09/2006)

O boneco tava na rua brincando com os amiguinhos dele. O papai e a mamãe tavam bebendo cerveja no bar. O carro foi andar e tava cheio de trânsito. Depois ficou caindo a chuva. A avó dos amiguinhos foi sair pra Niterói. A avó tava chegando em casa e não tinha mais trânsito. (Elis, 3 anos, 23/10/2007)

As meninas tavam grávidas de dois gêmeos. O sol tava feliz. As meninas tavam felizes. Os primos também. A casa tava com tudo de neném: berço, cadeira de papá, cadeira que o neném fica sentado, brinquedos, chupeta, mamadeira. Faltavam dois meses pra eles nascerem. O nome deles vai ser Murilo e Ana Beatriz. Os bebês de Carol vai ser Júlia e João. (Laura, 4 anos, 16/08/2007)

A menina ficou perdida na rua. Aí depois ela saiu de casa sem avisar a mãe. Aí depois a mãe ficou procurando, ela tava na casa da avó dela. Aí depois a mãe botou ela de castigo. E todo mundo ficou brigando com ela. Aí ela ficou de castigo um ano. Aí depois ela ficou de castigo no quarto. (Amanda Cecília, 5 anos, 11/08/2010)

2. Vivência na escola

Era uma vez uma bonequinha que se chamava Mariana, outra bonequinha era Natália e a outra era Beatriz. Elas tão fazendo faculdade de política. Elas aprenderam a fazer as letras. (Beatriz, 4 anos, 04/09/2006)

A gente saiu da piscina pra tomar banho pra ir pro colégio. Almoçamos, estudamos muito. Depois a gente foi

merendar. Depois a gente fez trabalhinho da escola. (Stefani, 5 anos, 20/10/2006)

Carol, Hugo, Larissa, Laura, Bia, Rennan, Yuri, Wendel, eu, tia Adriana, Bia Assunção, Mariana, Isabelly, Gabriel, Elis, Manu, Maria Clara e Lucas acabamos de sair da sala pra merendar. Aí escovamos os dentes e fomos pro parquinho. E tinha um monte de ave no céu. E fomos embora pra casa. E a gente fomos passear pro show da Bia Bedran. (Pedro Henrique, 4 anos, 20/08/2007)

Um dia chegou o *Aedes Aegypti* e um pássaro. O *Aedes Aegypti* picou os dois meninos e botou seus ovos na poça d'água e saiu voando. Um dia o pássaro seguiu o *Aedes Aegypti* e os meninos tiraram a pipa do alto e foram pra casa falar com a mãe pra levar eles no médico. (Hugo, 5 anos, 13/08/2008)

3. Brincadeiras

Eu, Hugo, Laura, Wendel, eu e Carol tamos brincando de pega-pega. Wendel tá pegando eu. Carol tá pegando Wendel. Eu tô pegando Laura. Hugo tá pegando Wendel. Laura tá pegando Hugo. A brincadeira foi legal. (Lucas, 3 anos, 05/11/2007)

O menino tava brincando de pique se esconde. Aí teve um balão, a nuvem e o sol. Aí tinha uma criança dando a mão pra brincar de 'Atirei o pau no gato'. Aí todo mundo abaixou pro gato cair. Aí eles tavam indo pra casa. Aí a nuvem foi, apareceu e todo mundo foi brincar de novo. (Alyson, 5 anos, 30/08/2010)

O garoto tava jogando bola com o outro garoto. Ele tava soltando a pipa. Aí a pipa foi embora. Aí bateu o sinal pra dormir. Aí a nuvem tava acordada. Aí tava conversando com a outra. O garoto tava acordado pra jogar bola de novo com ele. (Caio, 5 anos, 04/08/2010)

Dois meninos soltando cafifa. Duas cafifas se embolou no poste. O sol foi embora e a chuva voltou. A mãe dos meninos falou pra não soltar cafifa agora porque está chovendo. A chuva caiu no poste. Os meninos puxaram a cafifa, mas o fio arrebentou. O choque acertou nos meninos. A mãe levou os meninos pro hospital. E eles ficaram bem. (Patrick, 5 anos, 10/10/2011)

4. Personagens infantis

A menina Moranguinho cantava a música do Moranguinho. Ela fazia comida pro cachorro dela e a gatinha. Laranjinha fazia suco pra Moranguinho e pro cachorro. Laranjinha deu leite pra gatinha. Irmãozinho andou de skate em todo lugar. Bolinho deu um bolo pra Moranguinho muito pesado. (Laura, 3 anos, 29/08/2006)

A Barbie tá na casa. Ela tá cozinhando. Ela tá entrando na nuvem. Ela prendeu o cabelo porque não pode ficar de

cabelo solto senão vai ventar. (Fernanda Beatriz, 3 anos, 10/11/2008)

O Monstro S.A. entrou na casa e pegou o menino. E afogou ele na água. Aí o monstro entrou na casa e pegou tudo o que ele tinha. Aí destruiu a casa dele. O menino nadou até a casa e destruiu o monstro. Ele afogou o monstro. Tinha outro monstro escondido. Aí pegou ele e jogou na floresta. O menino escapou e o monstro viu. (Andre Filipe, 5 anos, 11/10/2011)

Uma princesa passou pelo campo e viu muitas e muitas flores. Depois um dia uma bruxa passou e enfeitiçou ela na floresta. E um príncipe veio e deu um beijo nela e ela acordou. Depois ela engravidou e a bruxa roubou o bebê dela. Ela queria enfeitiçar o bebê para que ela encontrasse o príncipe do amor dela. E ela viveu feliz para sempre com o príncipe. (Julia, 5 anos, 07/10/2011)

Era uma vez um castelo que tava chovendo. A princesa tava lá dentro e a bruxa deu a maçã pra ela dormir. Aí depois o rei foi lá no castelo acordar ela. Depois beijou ela e ela acordou. Aí depois foi embora com o cavalo dele. Depois foi pro castelo dele. A princesa foi embora com o príncipe. Depois eles dormiram. (Matheus, 5 anos, 06/10/2011)

5. Natureza

Eu tava brincando com duas borboletinhas. Quando eu parei de brincar com as borboletinhas, eu fiquei brincando com as florzinhas. Aí, o sol ficou brilhando. Aí, eu fiquei feliz. Aí, choveu e eu fui pra casa. (Camylla, 5 anos, 29/08/2006)

Eu tô na minha casa. Tô mexendo nas plantas. Tô dando "bom dia". Eu gosto de fazer isso. O sol tá brilhando. As nuvens é pra chover. Quando papai do céu fica nervoso, ele faz chover. (Natália, 5 anos, 29/08/2006)

O sol tava rodando, procurando a nuvem. Tava chovendo e molhou o sol. O mar deu um banho no sol e na nuvem. E escangalhou o sol. Tava chovendo de novo. O mar rodou. Aí a chuva caiu no mar. (Manuela, 3 anos, 25/10/2007)

Era uma vez um jardim cheio de flores. As borboletas foram pousar na flor. Mas elas não conseguiram passar porque estão cercadas de arco-íris, urubus e corações. Aí elas acharam uma saída. Elas pousaram nas flores pra descansar. (Isabelly, 5 anos, 12/06/2008)

6. Violência e morte

O raio tava caindo na cabeça do cara. Aí ele desmaiou. Aí ele foi pra ambulância. Todo mundo chegou pra ver ele. Aí o cara morreu. Aí veio um bandido e assaltou a mulher. Aí a polícia chegou pra prender o bandido. (Gustavo, 5 anos, 09/10/2006)

A cobra tá comendo carne. Depois comeu ração e depois comeu um osso de galinha. Depois comeu frutas.

Depois bebeu água e vomitou. E depois ele comeu jiló. A cobra ficou gorda e estourou. O bombeiro veio buscar ela porque ela morreu. (Wendel, 4 anos, 30/08/2006)

A polícia quer matar pessoa. O carro de polícia quer botar todo mundo na cadeia. A planta morreu porque a polícia matou ela. Ficou sol e a lua ficou queimada. Tava um cachorro que mordeu a polícia e a polícia foi embora. (Yuri, 4 anos, 25/10/2007)

A menina tava abraçada com um negão. Aí a mãe apareceu grávida. Aí depois quando a mãe viu, aí foi, ela morreu grávida de uma filha. Aí depois ela não tinha marido porque o pai do bebê morreu. Aí a vizinha morava lá com ela. Aí depois ela foi procurar a vizinha. Aí ela levou ela pro hospital. Aí foi, ela levantou, aí o bebê dela saiu. O pai apareceu em casa. (Ana Mirian, 5 anos, 24/10/2011)

Muitas histórias apresentam mais de uma temática. Fizemos essa divisão para dar destaque a cada uma delas.

Encontramos em Paulo Freire (1995), ao afirmar que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, pistas para começar um exercício de compreensão de como as crianças da Educação Infantil leem, comunicam e dão sentidos ao mundo.

Percebemos que as crianças elegem muitos temas para narrar situações que parecem remeter a vivências no cotidiano da família, a brincadeiras, a experiências na escola, até a assuntos ainda difíceis de serem tratados, como a morte. As histórias ocorrem em diferentes cenários: casa, castelo, rua, parque, escola, entre outros. Os personagens são membros da família (mãe, pai, avó, irmão, irmã, bebê), elementos da natureza (animais, plantas, sol, chuva, mar, nuvem) e são também inspirados em filmes e histórias infantis (Moranguinho, Barbie, Monstros S.A., princesa, príncipe, bruxa). Eles praticam e/ou fazem referência a diversas ações, tais como brincar, almoçar, tomar banho, dormir, estudar, brigar, engravidar, matar.

As crianças pequenas já se mostram grandes observadoras e leitoras do mundo. Demonstram compreender relações de poder (mãe coloca filha de castigo; polícia mata e prende bandido); perigos (choque provocado pela cafifa embolada no fio do poste); comportamentos dos adultos (a mãe e o pai bebem cerveja no bar); necessidade de procurar atendimento médico (os meninos que foram picados pelo *Aedes Aegypti*; os meninos que levaram choque; a menina que foi ter o neném); fenômenos da natureza (a nuvem faz chover; o sol brilha e queima; borboletas pousam nas flores); finitude dos seres vivos – a morte (a cobra ficou gorda, estourou e morreu; a

planta morreu porque a polícia matou; o raio caiu na cabeça do cara e ele morreu; a menina não tinha marido porque ele morreu).

É o meio social mais amplo e a situação mais imediata – o *momento* – que determinam os *modos de dizer* – a entonação, os gestos, a escolha das palavras – estruturando o *diálogo*, a *enunciação*. De acordo com Bakhtin (1992), é nas enunciações concretas estabelecidas pelas relações sociais que as palavras se realizam – na oralidade ou na escrita – e são, portanto, sempre dirigidas a alguém com intencionalidade, e orientadas em função do interlocutor, do auditório social – *para quem falamos*.

As enunciações das crianças provocam diversas respostas dos destinatários – as outras crianças e a professora –, que concordam, acrescentam, criticam, levantam questões, enfim, como diz Bakhtin (2010), adotam uma *compreensão responsiva ativa* para com o discurso.

De fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude *responsiva ativa*: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor. (BAKHTIN, 2010, p. 290, grifos do autor)

As histórias narradas – enunciados – não são “soltas”, “isoladas”, não surgiram do nada, e sim são contextualizadas na situação social, estão ligadas a enunciados anteriores e contêm a semente do que será dito em seguida. Assim vão adicionando novos elos na cadeia da comunicação verbal, provocando reações-respostas imediatas e uma ressonância dialógica. Bakhtin explica que:

O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera: refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles. Não se pode esquecer que o enunciado ocupa uma posição definida numa dada esfera da comunicação verbal, relativa a um dado problema, a uma dada questão, etc. Não podemos determinar nossa posição sem correlacioná-la com outras posições. É por esta razão que o enunciado é repleto de reações-respostas a outros enunciados numa dada esfera da comunicação verbal (2010, p. 316).

Podemos perguntar – como pais e mães assustados e surpresos com algo inesperado que a criança fala – “onde esse menino/essa menina aprendeu isso?”. Aprendeu na interação com múltiplos sujeitos que trazem marcas culturais e históricas, nas relações com estes sujeitos e com seus discursos, tanto presencialmente na interlocução com outras pessoas (familiares, vizinhos, membros da igreja, outras crianças e professoras na escola, etc.), como de modo indireto, por intermédio dos meios de comunicação (computador, televisão), dos livros de literatura infantil, dos filmes, dos brinquedos.

Assim é que acontece o *diálogo* no “sentido amplo das relações que os sujeitos e seus discursos estabelecem na sociedade com a multiplicidade de seres humanos, marcados cultural e historicamente, com os quais interagem de muitas maneiras, não somente face a face” (GOULART, 2007, p. 95).

O diálogo é a forma privilegiada de relação com a alteridade e se materializa pela palavra que é, ao mesmo tempo, própria e alheia (GERALDI, s/d). O sujeito constrói seus discursos por meio da apreensão e da apropriação do discurso de outrem dentro do seu próprio sistema de referência, o qual Bakhtin (1992) chama de “fundo perceptivo”, composto pelos conhecimentos prévios, valores, opiniões, convicções, preconceitos, etc.

Para Larossa Bondía (2002), “tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso”. O autor acrescenta que as

palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras... (BONDÍA, 2002, p. 20)

Vemos que as crianças utilizam muitas palavras para produzir sentido, criar realidades e colocar-se diante dos outros e do mundo. Palavras poderosas que alteram os ouvintes e provocam alterações também nos sujeitos falantes. Assim, as crianças pequenas vão construindo seus próprios sistemas de referência, compostos pelos conhecimentos prévios, valores, opiniões, convicções, preconceitos, etc. As histórias narradas retratam diferentes contextos, referem-se a várias situações, falam a muitos destinatários e respondem a diversos discursos.

As crianças da Educação Infantil são repletas de palavras! Palavras plenas, potentes, reveladoras de sentimentos, de sonhos, de criatividade, de fantasia, de conhecimentos, de cultura. Ricas leituras de mundo!

O PAPEL DA ESCOLA

Na atividade *Livro de Histórias da Turma*, as crianças também apresentam comportamentos de leitores ao acompanhar a leitura com os dedinhos identificando o início da escrita/leitura e a direção do texto (da esquerda para direita, de cima para baixo); demonstram ser críticas e muito atentas aos detalhes dos desenhos e textos dos colegas; realizam um complexo exercício de elaboração de perguntas completas no momento em que vão esclarecer alguma dúvida com o autor a respeito da história ou do desenho; aumentam o repertório lexical e usam as novas palavras aprendidas ao falarem ou elaborarem texto individual ou coletivo; estabelecem novas relações com as experiências vividas a partir da história, trocando informações, contando acontecimentos, fazendo os mais diversos comentários.

A escola é lugar privilegiado de promoção de práticas discursivas relacionadas à leitura e escrita – o letramento –, onde analisamos a oralidade das crianças que ainda não sabem ler nem escrever, mas que podem ser consideradas letradas, visto que apresentam estratégias orais letradas, características orais letradas que elas adquirem nas práticas orais cotidianas com outras crianças e com os adultos com quem convivem (KLEIMAN, 1995). Nessa perspectiva, “letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz um uso formal da escrita” (MARCUSCHI, 2001, p. 25). O letramento, portanto, é fundamentalmente social, surge e se desenvolve independentemente da escola, em diferentes contextos: na família, na vida burocrática, no dia a dia, no trabalho, na atividade intelectual, e também na escola. De acordo com Marcuschi (2001, p. 19):

Em cada um desses contextos, as ênfases e os objetivos do uso da escrita são variados e diversos. Inevitáveis relações entre escrita e contexto devem existir, fazendo surgir gêneros textuais e formas comunicativas, bem como terminologias e expressões típicas. Seria interessante que a escola soubesse algo mais sobre essa questão para enfrentar sua tarefa com maior preparo e maleabilidade, servindo até mesmo de orientação na seleção de textos e definição de níveis de linguagem a trabalhar.

O *Livro de Histórias da Turma* é uma prática de letramento que possibilita às crianças expressarem, comunicarem e darem sentido para o mundo, e aos professores e professoras melhor conhecê-las para aprimorarem o fazer docente, tornando a prática pedagógica mais significativa, ampliando as possibilidades de as crianças estarem e atuarem no mundo.

Precisamos parar para pensar no que as escolas de Educação Infantil e dos primeiros anos do Ensino Fundamental têm feito com as palavras, enunciações, com as leituras das crianças. Achamos "engraçadinhas" ou nos escandalizamos? Escolarizamos ou didatizamos suas histórias, usando-as como pretexto para ensinar a norma culta ou conteúdos gramaticais? O que acontece na hora de passar da leitura do mundo à leitura da palavra na alfabetização?

É papel da escola criar oportunidades para que as crianças usem a língua escrita como forma de comunicação, de interlocução, estabelecendo situações de produção de texto não de maneira artificial e repetitiva, mas dentro de um contexto no qual a escrita seja necessária e real. Para isso, é preciso que sejam planejadas situações nas quais "a expressão escrita se apresente como uma resposta a um desejo ou uma necessidade de comunicação, de interação, em que o aluno tenha, pois, objetivos para escrever, e destinatários (leitores) para quem escrever" (SOARES, 1999, p.70).

Infelizmente, em muitas escolas, à medida que as crianças crescem, vão se tornando emudecidas. Pior ainda, vão sendo silenciadas, pois se veem obrigadas a ler palavras muitas vezes 'mortas', acartilhadas – ou signos neutros no dizer de Bakhtin (1992) -, completamente descontextualizadas e sem sentido para elas. Felizmente, as crianças não perdem a capacidade de continuar a ler o mundo, embora, na escola, essa leitura passe a ser silenciosa... 🌱

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. (V. N. Volochínov). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 6. ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1992.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1985.

GERALDI, João Wanderley. Paulo Freire e Mikahil Bakhtin. O encontro que não houve. In: *Diálogos através de Paulo Freire*. Edição Instituto Paulo Freire de Portugal e Centro de Recursos Paulo Freire da FPCE. Coleção Querer Saber, s/d, p. 37-52

GOULART, Cecilia. M. Enunciar é argumentar: analisando um episódio de uma aula de História com base em Bakhtin. In: *Pro-Proposições. Dossiê Linguagem e construção de conhecimento: a argumentação em sala de aula*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. V.18, n. 3(54), set./dez. 2007, p.93- 107.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela B. (org). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995, p. 15-61.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: *Revista Brasileira de Educação*. Jan/fev/mar/abr 2002, p. 20-28.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

SOARES, Magda. Aprender a escrever, ensinar a escrever. In: ZACCUR, Edwiges (org). *A magia da linguagem*. Rio de Janeiro: DP&A, SEPE, 1999.

1 Em 2006, a partir do trabalho com cultura popular, cujo tema foi o *Universo Cultural de Ariano Suassuna*, teve início a atividade do *Bornal de Leitura*, realizada por todas as turmas. A cada dia, uma criança escolhe um livro de história que leva dentro do bornal (sacola de pano) junto com um caderno de desenho e hidrocor, para que a família registre como foi a experiência. Há também um espaço para a criança desenhar o que mais gostou ou lhe chamou a atenção. Os relatos dos pais e/ou responsáveis revelam que os momentos de leitura em família aproximam as crianças de seus parentes, em gestos lúdicos, afetivos, de prazer e de conhecimento.

2 As crianças da Educação Infantil ainda não sabem ler e escrever e não é proposta da escola usar essa atividade para alfabetizá-las.

3 A professora procurou registrar as histórias ditadas pelas crianças da maneira mais fiel possível, respeitando suas falas. Não é objetivo dessa atividade fazer correções gramaticais ou quaisquer outras modificações nas histórias narradas.

Adriana Santos da Mata · Professora da Unidade Municipal de Educação Infantil Rosalina de Araújo Costa, Mestre em Educação – UFF, addamata@hotmail.com.

Carla Andréa Lima da Silva · Pedagoga da Unidade Municipal de Educação Infantil Rosalina de Araújo Costa, Mestre em Educação – UFRJ, ccarlandrea@hotmail.com.